

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: Noroeste Amazônico

Data: 13/03/94

Pg.: 222

São Gabriel enfrenta crise na saúde

O registro de 287 casos de malária e índices altos de desnutrição demonstram a situação dos indígenas que formam 90% da população

A grave crise que afeta o setor de saúde do País está instalada também em São Gabriel da Cachoeira, no interior do Amazonas. Com o registro de 287 casos de malária só nos dois primeiros meses do ano, 30 de desnutrição en-

tre outras doenças, o município tem um hospital modelo construído em 1987 cujos equipamentos deturpados por falta de manutenção não podem ser utilizados pela população, formada em cerca de 90% de índios.

tenhamos vontade", observa Joelma. O hospital vive um dilema culturalmente particular: quando um dos nativos adoece e tem que ser hospitalizado leva consigo toda a família. A internação passa a ser conjunta. Aumenta o consumo de alimentos e, no caso da tuberculose, os riscos de contágio porque costumam utilizar os mesmos utensílios e cuspir pelo chão. Se os sadios são forçados a retornar para suas habitações, zangam-se e levam o paciente de volta. A regra é: o doente fica e a família dele também.

O hospital de São Gabriel possui 55 leitos e mantém suas atividades com um orçamento de R\$ 1,5 milhão/mês (dados da direção). Até ontem os recursos do Sistema Único de Saúde (SUS) referentes ao mês de dezembro não tinham sido repassados à unidade. Maria Olga diz que o hospital só não fechou as portas porque a Prefeitura e

imaginar o que é manter um hospital com o mínimo de higiene, fazer partos e outras cirurgias sem ter água", sugere a enfermeira Joelma. Tentativas para resolver o problema foram

feitas com a perfuração de poços artesanais. Não deu certo. Os poços não revelam sinais de água, apesar de, ao lado, a sede da missão Salesiana ter um

A diretora da Unidade lembra que ano passado foram atendidos no hospital 400 casos da doença

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM) — A Unidade Mista de Saúde de São Gabriel da Cachoeira, a 852 km de Manaus, registrou nos meses de janeiro e fevereiro 287 casos de malária, cerca de 30 casos de desnutrição e oito de tuberculose. Os números constam do boletim de estatística do hospital e indicam, em três por quatro, o tamanho

do fosso no qual está mergulhada a saúde pública. Mais de 90% dos pacientes são índios, de acordo com a enfermeira-chefa do hospital, Joelma da Silva Barbosa. A quase totalidade da população de São Gabriel é formada por índios que representam, em toda a região do Alto Rio Negro, 32 diferentes etnias.

A diretora da unidade,

Maria Olga dos Santos, afirma que no ano passado o hospital chegou a registrar até 400 casos de malária. Mas, são os casos de tuberculose e desnutrição que geram maiores preocupações à administração da unidade. "Estas doenças exigem tratamento mais prolongado e atendimento de caráter coletivo e isso não temos condições de fazer por mais que

o Exército ajudam a mantê-lo em funcionamento. É o Exército que, costumeiramente, fornece através de uma pipa água para o hospital. A falta de água passou a ser freqüente. "Tente

poço que produz água abundante e de boa qualidade. "Já tentamos fazer um acordo com os missionários para usar parte da água, mas eles não aceitaram", lamenta Olga.

Hospital sem equipamentos

A maior decepção da diretora da unidade está ligada a uma outra realidade. O hospital novo, construído em 1987, pela Servalense, todo equipado e, desde aquela época, fechado. "Temos um hospital de primeiro mundo que nos afronta em sua grandiosidade enquanto somos obrigados a trabalhar com as mais precárias condições na unidade", critica. O Ralo-X da unidade mista, instalado em 1974, está deteriorado. Na última terça-feira, por exemplo ele não funcionou. Olga estima que 1/3 dos equipamentos do hospital novo esteja estragado pela falta de

manutenção e por tantos anos de abandono. "Já fizemos o que podíamos para tentar utilizar na unidade alguns dos equipamentos do hospital. Não conseguimos", diz a diretora. A informação no município é de que o governo federal não liquidou suas dívidas com a construtora e esta aguarda o pagamento para entregar a obra. Do lado de fora, as pessoas reclamam por melhor assistência à saúde e, algumas morrem, por falta de condições para um melhor atendimento.